

RELEITURAS: LINGUISTICAMENTE PATRÍCIOS, LITERARIAMENTE RIVAIS¹

REREADINGS: LINGUISTICALLY BROTHERS, LITERARILY RIVALS

Maria Cristina Cardoso Ribas
Doutora em Letras (Ciências da Literatura)
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
(maricrisribas@uol.com.br)

Vagner Leite Rangel²
Especialista em Estudos Literários
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
(vagner.rangel@gmail.com)

Toda releitura de um clássico é uma leitura de descobertas como a primeira. I. Calvino

As próprias ideias nem sempre conservam o nome do pai; muitas aparecem órfãs, nascidas de nada e de ninguém. Cada um pega delas, verte-as como pode, e vai levá-las à feira, onde todos as têm por sua.
Machado de Assis

RESUMO: Apresentaremos uma leitura problematizadora de um dos argumentos de João Cezar de Castro Rocha, em **Machado de Assis: por uma poética da emulação**. Para Castro Rocha, ele teria sido o primeiro crítico machadiano a reconhecer a necessidade de uma interpretação que se valesse dos diferentes gêneros praticados por Machado de Assis. A partir da fortuna crítica do autor, questionaremos a assertiva crítica. Notamos que se trata mais de apropriação antropofágica, através de releituras, do que de ineditismo, um ponto de vista sem igual na história da interpretação machadiana.

Palavras-chave: Machado de Assis; Teoria da literatura; Poética da emulação.

ABSTRACT: We present a problem-based reading in one of João Cezar de Castro Rocha's arguments, in *Machado de Assis: por uma poética da emulação*. For Castro Rocha, he would have been the first Machado literary critic to acknowledge the need for an interpretation that worth of different genres preformed by Machado de Assis. Based on the critical fortune of the author, we shall question the critical assertive. We note that this is more anthropophagic appropriation, through readings, than uniqueness, an unparalleled point of view, concerning on Machado interpretation history.

Keywords: Machado de Assis; Literary theory; Poetic emulation.

Introdução

A produção de Machado de Assis sustenta a afirmação de que o autor foi um escritor polígrafo, em termos de gêneros do discurso literário. Sua obra completa

¹ Pesquisa realizada como Pesquisador Júnior do Real Gabinete Português de Leitura e como integrante do grupo de pesquisa "A rede conceitual do pós-moderno: discussões e releituras de literatura na contemporaneidade", ambos sob a coordenação de Maria Cristina Cardoso Ribas.

² Mestrando em Teoria da Literatura e Literatura Comparada

da Editora José Aguilar, publicada em três volumes, contém 9 romances, 7 coletâneas de conto, 3 peças teatrais, 4 livros de poesia, e 5 coletâneas de crônicas – isso sem mencionar as publicações não editadas pelo autor em vida, e os textos críticos coligidos pela equipe editorial. Publicações que datam de 1855, quando estreia no campo literário, até 1908, ano em que faleceu, e publicou o último romance, **Memorial de Aires**. São mais de 50 anos de atividade literária intensa, em que Machado de Assis escreveu profusamente.

É sabido que a sua profícua produção mudou radicalmente em 1880, com a publicação de **Memórias póstumas de Brás Cubas**, dividindo-a em duas fases, a da aprendizagem – textos anteriores a 1880 – e a da maturidade – textos posteriores a 1880. Essa mudança tem intrigado críticos desde a primeira publicação de **Brás Cubas**, cuja quarta edição, publicada em vida pelo escritor – para se ter uma ideia do impacto de tal mudança – traz no prólogo a surpresa que a recepção oitocentista teve ao lê-lo:

Capistrano de Abreu, noticiando a publicação do livro, perguntava: “As **Memórias póstumas de Brás Cubas** são um romance?” Macedo Soares, em carta que me escreveu por esse tempo, recordava amigamente as *Viagens na minha terra*. Ao primeiro respondia já o defunto **Brás Cubas** (como o leitor viu e verá no prólogo dele que vai adiante) que sim e que não, que era romance para uns e não o era para outros. Quanto ao segundo, assim se explicou o finado: “Trata-se de uma obra difusa, na qual eu, **Brás Cubas**, se adotei a forma livre de um Sterne ou de um Xavier de Maistre, não sei se lhe meti algumas rabugens de pessimismo.” Toda essa gente viajou: Xavier de Maistre à roda do quarto, Garret na terra dele, Sterne na terra dos outros. De **Brás Cubas** se pode dizer que viajou à roda da vida.

Não se pode afirmar, mas a pergunta de Capistrano de Abreu pode ser uma referência ao modelo narrativo empregado por Machado de Assis em **Brás Cubas**. Modelo em que a desfaçatez do narrador **Brás Cubas** eleva **Memórias póstumas** a uma condição particular, no que se refere aos romances predecessores:

O que faz do meu **Brás Cubas** um autor particular é o que ele chama “rabugens de pessimismo”. Há na alma deste livro, por mais risonho que pareça, um sentimento **amargo e áspero**, que está longe de vir de seus modelos. É taça que pode ter labores de igual escola, mas leva outro vinho. Não digo mais para não entrar na

crítica de um defunto, que se pintou a si e a outros, conforme lhe pareceu melhor e mais certo. (ASSIS, 1962, I, p. 510, gr. nosso)³

À roda de seus contemporâneos, **Memórias póstumas de Brás Cubas** chamou atenção por ter desfeito “o *fair play* literário” (SCHWARZ, 2004, p. 19) que caracterizava os romances da década de 1870 – **Ressurreição**, em 1872; **A mão e a luva**, em 1874; **Helena**, em 1876; e **Iaiá Garcia**, em 1878. A narração de **Brás Cubas** põe fim ao tom não “amargo” e não “áspero” dos narradores de 1870. Ao tratar da taça, Machado de Assis não esconde quem são seus modelos, nem o sabor do vinho que leva ela – “amargo e áspero”. Mantendo o seu efeito sobre gerações e gerações de leitores, a surpresa causada em 1880, por **Brás Cubas**, faz com que Machado de Assis seja revisitado no século XXI, porque, ainda que a explicação oferecida por Machado tenha sido aceita pela crítica desde o século XIX, como mostram as resenhas de Capistrano de Abreu e Macedo Soares, há quem cogite outros motivos para tal mudança.

Releituras?

O crítico à roda de Machado de Assis é João Cezar de Castro Rocha, com o livro **Machado de Assis: por uma poética da emulação**. Embora original, Castro Rocha parece desenvolver a ideia de um dos críticos mais atentos à obra do autor de **Brás Cubas**: Silviano Santiago. Castro Rocha, ao sustentar que Machado de Assis é um “autor-matriz” – “aquele cuja obra, pela própria complexidade, autoriza a pluralidade de leituras críticas, pois elementos diversos de seu texto estimulam abordagens teóricas diferentes” (2013, p. 25) – parece ter desenvolvido o raciocínio exposto por Silviano Santiago, no já clássico “Retórica da Verossimilhança”: “Já é tempo de se começar a compreender a obra de Machado de Assis **como um todo coerentemente organizado**” (SANTIAGO, 2000, p. 27, gr. nosso).

Para Silviano Santiago, com a referida abordagem, perceberíamos “que certas estruturas primárias e primeiras se desarticulam e se rearticulam sob formas de estruturas diferentes, mais complexas e mais sofisticadas” (SANTIAGO, 2000, p. 27). Santiago defende leituras que se apropriem da complexidade de Machado de

³ Como utilizamos a edição completa de Machado de Assis da José Aguilar, dividida em três volumes, doravante será citado somente o volume e a página, no que se refere à obra do autor.

Assis, ao invés de investirem em abordagens específicas para apontarem isto ou aquilo na literatura do autor. Pode-se argumentar que Silviano Santiago não explicita tal defesa de modo categórico, em seus trabalhos. Por outro lado, os mesmos trabalhos do crítico mineiro são exemplos do que chamamos de “leituras que se apropriem da complexidade de Machado de Assis”, que supomos ser defendida por ele.⁴ Entendendo assim as leituras de Santiago, tem-se a impressão que Castro Rocha ratifica tal defesa, sobretudo quando oferece aos estudos machadianos a definição de autor-matriz, explicada anteriormente. Devido a essa definição, afirma Castro Rocha que “A leitura cruzada de gêneros literários é o método mais adequado para a descrição densa da literatura de um autor-matriz” (ROCHA, 2013, p. 30). De fato, ela é fundamental para entender a surpresa de Capistrano de Abreu e Macedo Soares, para se dar conta da verve do narrador **Brás Cubas**, que subverte “a convenção literária” (SCHWARZ, 2004, p. 16). Sem a leitura cruzada, consegue-se entender a narração de **Brás Cubas**, mas perde-se, e muito, o sabor das assertivas irônicas e das formulações de Brás, que vão contra a visão dos quatro narradores antecessores de Machado de Assis. No romance, conhecer os narradores pré-**Brás Cubas** é uma maneira de entender o temperamento de **Brás Cubas**, e a mudança radical de ponto de vista empregada por Machado de Assis – como tentamos esclarecer com as opiniões críticas dos contemporâneos do escritor.

Por outro lado, a afirmação que Castro Rocha oferece ao leitor, que é derivada da necessidade de “leitura cruzada”, parece discutível: “Por isso, eu sou o primeiro a reconhecê-lo” (ROCHA, 2013, p. 30). Sendo assim, a necessidade de estudar Machado de Assis em sua complexidade teria sido reconhecida por ele. Contudo, o citado ensaio de Santiago fora publicado em 1978. E Castro Rocha cita a referida passagem de Santiago – “Já é tempo de se começar a compreender a obra de Machado de Assis como um todo coerentemente organizado” (SANTIAGO, 2000, p. 27) – na introdução do livro, e, acrescenta: “não seria capaz de compreender a literatura machadiana sem o auxílio de suas interpretações” (ROCHA, 2013, p. 32) O plural refere-se às citações de Jean-Michel Massa, de Roberto Schwarz, de Ivan Teixeira, e de Alfredo Bosi, além de todas as demais que abrem os cinco capítulos que compõem o livro, e não são poucas. Aliás, os referidos críticos brasileiros

⁴ Vide a introdução do referido ensaio, que é exemplar. Nela, S. Santiago posiciona-se contra a opinião de mais de um crítico, muito embora cite apenas Augusto Meyer (SANTIAGO, 2000, p. 27).

buscam entender a obra de Machado em sua complexidade. Portanto, considerá-lo o primogênito da ideia de complexidade é controverso, mas do detalhamento é inegável.

Ressalte-se também a persistente leitura de José Aderaldo Castello, que publicou **Realidade e ilusão em Machado de Assis** em 1969. O empenho de José Castello em compreender o desenvolvimento da obra de Machado de Assis, desde os seus primeiros textos, tanto críticos quanto ficcionais, até o seu último romance, **Memorial de Aires**, sugere que a leitura de Castro Rocha é tributária de tal tendência, embora a obra de José Castello não conste da citada crítica. Um trecho de **Realidade e ilusão** merece ser lido pela clareza das palavras e pela consciência da complexidade machadiana, por parte de José Castello:

É certo que **Machado de Assis**, dada a preocupação do **crítico literário**, se voltou para problemas relacionados com o gosto da época. Demonstrou conhecer a doutrina dos românticos, realistas-naturalistas, parnasianos, bem como a lição dos clássicos. Soube orientar-se criticamente a si mesmo, no combate aos lugares-comuns e aos excessos de uns e de outros, dos clássicos aos contemporâneos. Definiu-se, então, numa posição independente, mas de tal forma que a **obra do ficcionista**, com as qualidades que contribuem para a sua projeção na posteridade, apresenta todas as gradações do romance brasileiro do século XIX, inclusive o enraizamento histórico apoiado na tradição da língua. (CASTELLO, 1969, p. 19, gr. nosso)

Machado de Assis, leitor dos clássicos e dos modernos, crítico literário e, por fim, ficcionista em “gradações”, ou – no chavão dos estudos machadianos –, fases. Em seguida, Castello arremata o seu ponto de vista crítico e metodológico: “**É por tudo isso que empreendemos esse ensaio (...) ostensivamente decalcado apenas na própria obra de Machado de Assis**” (1969, p. 19, gr. nosso), e esclarece o seu propósito: rastrear “uma trajetória com o **objetivo de reconhecer a unidade de um pensamento**” (1969, p. 19, gr. nosso). É verdade que José Castello está mais interessado em compreender a mudança em sentido lato: de **Ressurreição a Memorial de Aires** – para ficarmos no romance, porque Castello se utiliza de todos os gêneros praticados por Machado de Assis. Neste percurso, Castello mostra um Machado leitor de clássicos e contemporâneos, crítico literário, intelectual e, sobretudo, ficcionista. Por isso, pode-se argumentar que a leitura de Castro Rocha é tributária de tal tendência. Há, é claro, um acréscimo na releitura de

Castro Rocha: a ideia de emulação desenvolvida por Michel Foucault (1981) em “A prosa do mundo” – capítulo de **As palavras e as coisas**. É certo que a obra de José Castello antecede até mesmo a de Silvano Santiago. Também é certo que este não reivindica a primogenitura de tal ideia.

E não é tudo, há a questão em torno da “leitura cruzada” que o próprio José Castello dera início no final da década de 60. Mas não entraremos no mérito, mesmo porque a obra de Castro Rocha representa um projeto específico e tende para um fim distinto da obra de Castello. Para mostrar que a metodologia também foi utilizada recentemente, basta mencionar as palavras de José Luís Jobim, organizador de **A biblioteca de Machado de Assis**, que, ao prefaciá-la **Onze anos de correspondência: os machados de Assis**, afirma que: “Maria Cristina Ribas produz uma interessante **leitura cruzada** da obra e da correspondência machadiana, que desde já torna-se referência obrigatória.” (JOBIM *apud* RIBAS, 2008, p. 17, gr. nosso) Trata-se de outros propósitos, é claro. No entanto, a metodologia é semelhante.

O subtítulo desta seção se chama “Releituras?” pelas questões impostas à afirmação do crítico, que antes de lê-lo, é leitor. E as leituras de um autor são, na verdade, releituras – “Toda **releitura** de um clássico é uma leitura de descobertas como a primeira.” (CALVINO, 1993, p. 11, gr. nosso) Em *Esaú e Jacó*, Machado de Assis parece ter atacado o problema ficcionalmente: “As próprias ideias nem sempre conservam o nome do pai; muitas aparecem órfãs, nascidas de nada e de ninguém. Cada um pega delas, verte-as como pode, e vai levá-las à feira, onde todos as têm por sua.” (I, p. 993) Os estudos machadianos podem ter contribuído para a originalidade da leitura de Castro Rocha, como ele mesmo não nega, na citação que reproduzimos: “não seria capaz de compreender a literatura machadiana sem o auxílio de suas interpretações” (ROCHA, 2013, p. 32)

Poética da emulação

Tendo a profícua produção machadiana em vista, o livro de Castro Rocha representa, sem dúvida, “um esforço deliberado de **retorno ao texto**” (2013, p. 25, ênfase no original) para “oferecer uma explicação alternativa a um dos dilemas centrais da crítica literária brasileira: a ‘crise dos 40 anos’, vivida por de Machado de Assis entre 1878 e 1880, cujo resultado é a escrita de **Memórias póstumas de Brás**

Cubas,” (ROCHA, 2013, p. 10), e toda a publicação posterior a **Memórias**. Para tanto, Castro Rocha defende que **Brás Cubas** é uma “reação machadiana ao romance de Eça [de Queirós], que o levou a desenvolver a poética da emulação”, que “equivale ao resgate moderno de práticas (...) abandonadas depois do (...) romantismo”. (ROCHA, 2013, p. 11)

A poética da emulação, que tem como ponto de partida a “imitação de um modelo considerado autoridade num determinado gênero, busca (...) emular esse modelo” (ROCHA, 2013, p. 12) para superá-lo. A emulação representa uma vontade de superação do modelo adotado pelo emulador, mas não se trata de superação no sentido “positivista” e/ou “evolucionista” do termo, mas sim de atualizar práticas anacrônicas e, ao mesmo tempo, acrescentar uma partícula, em tais práticas, que não se encontra, por diversas razões, no escritor emulado. Um exemplo dessa prática é **Ressurreição**, o primeiro romance de Machado de Assis, em que ele declara, na “Advertência da Primeira Edição” (I, p. 114), um dos versos de *Otelo*, de Shakespeare, serviram como ponto de partida⁵. Embora a prática da emulação seja constituinte do discurso literário de Machado, como o exemplo anterior mostra, Castro Rocha sustenta que ela teria sido a saída encontrada por Machado de Assis para ombrear com o rival português, cujo “êxito de *O crime do Padre Amaro* (1875) e de **O Primo Basílio** (1878) não teria deixado o brasileiro indiferente, representando um acicate poderoso para que o sempre solícito Machadinho decidisse tudo arriscar, metamorfoseando-se no Machado que se admira em todo o mundo.” (ROCHA, 2013, p. 13. Para ele, o sucesso de Eça teria motivado Machado de Assis a reunir todos os recursos da poética emulação, antes esparsos em vários gêneros, em **Memórias póstumas de Brás Cubas**, e assim sucessivamente.

Excetuando a introdução e a conclusão, Castro Rocha explica a metamorfose machadiana em 5 pontos: 1) “O naufrágio das ilusões”; 2) “No meio do caminho tinha um autor”; 3) “Por uma poética da emulação”; 4) “Os anos decisivos”; 5) “Formas da emulação”. Devido ao escopo do trabalho, o quinto é desnecessário, ao passo que os capítulos iniciais serão mais explorados, porque neles estão as ideias-chaves para entendermos a explicação extraliterária do autor.

⁵ Os versos, que se encontram na advertência da primeira publicação, são: “*Our doubts are traitors, and make us lose the good we oft might win, by fearing to attempt.*” (1862, I, p. 114) Tradução nossa: “Nossas dúvidas são traidoras. Elas nos fazem perder aquilo que desejamos por medo de tentar.”

“O naufrágio das ilusões” consiste em identificar, “através da leitura comparada de romances e contos” – insiste Castro Rocha – “a progressiva elaboração do tema do adultério, pois, em lugar da perspectiva do juiz severo, principia a entrar em cena o observador arguto da instabilidade radical das relações humanas.” (ROCHA, 2013, p. 75-88) Deixando de lado a “instabilidade radical das relações humanas”, que está presente desde **Ressureição** – ainda que de uma perspectiva moralizante –, o subtítulo sugere o quanto a primeira fase de Machado de Assis, embora mantenha linhas de continuidades com a segunda, é marcada por uma tendência à reafirmação da moral oitocentista, imprimindo um tom edificante e mesmo moralista em determinados textos. Daí a utilização dos adjetivos usados por Machado de Assis para caracterizar o seu **Brás Cubas**: “amargo e áspero”, na negativa, para caracterizar os narradores de 1870, que não eram amargos nem áspersos – pelo contrário. Narradores polidos e edificantes marcam a chamada primeira fase de Machado de Assis. “Identificar duas fases na produção machadiana, portanto, nada tem a ver com desejo escolar de nomeação de estilos de época ou de identificação de correntes literárias” (ROCHA, 2013, p. 88). Trata-se de “observar a lógica interna de uma obra, o que implica assinalar diferenças significativas entre momentos bem marcados, mas não estanques, de um longo percurso. (ROCHA, 2013, p. 88. Para o autor, as ilusões de Machado de se tornar um grande escritor, ainda na década de 70, naufragaram com o êxito dos referidos romances de Eça. Ilusões porque os recursos utilizados até então – “Narrador pedagógico, decoroso, [que] deseja entreter, mas também instruir” (ROCHA, 2013, p. 48) – não receberam as palmas e a publicidade que os **dois** romances do autor português haviam recebido do público brasileiro. O placar de 4 a 2 não foi suficiente para que Machado ombreasse, no Brasil, com Eça.

Eça de Queirós⁶

Por isso, para Castro Rocha, “No meio do caminho tinha um autor”. O que não significa que a rivalidade com Eça explique por completo “a viravolta machadiana” (SCHWARZ, 2004, p. 17). Contudo, Rocha sustenta que ela parece ter contribuído para o resgate e uso deliberado da já citada poética da emulação. Poética que poderia ser “uma explicação alternativa” (ROCHA, 2013, p. 10) para a mudança na literatura machadiana. Com a palavra, o autor: “Proponho que, no meio do caminho de uma trajetória exemplar, ainda que um tanto monótona [referindo-se aos temas recorrentes do ciúme/adultério e aos desfechos edificantes], Machado tropeçou em Eça de Queirós.” (ROCHA, 2013, p. 92). Então, após publicar **Ressurreição**, **A mão e a luva**, **Helena** e **Iaiá Garcia**, sucessivamente, ele “precisou dar conta do impacto de **O crime do Padre Amaro** e, sobretudo, do êxito de **O Primo Basílio**.” (ROCHA, 2013, p. 92) Os indícios de que o “inverno machadiano chegou para valer em 1878” (ROCHA, 2013, p. 92), que se mostrará adiante, anunciam a surpresa de Machado com o sucesso imediato de Eça” (ROCHA, 2013, p. 93). Os referidos indícios estão na crítica do brasileiro aos romances do português, que está sintetizada no segundo artigo de Machado, publicado também em 1878, “Eça de Queirós: **O Primo Basílio**”. Para Castro Rocha, que avalia o artigo como “esteticamente tradicional e moralmente conservador” (ROCHA, 2013, p. 11), “É como se o Machado, autor das **Memórias** (...), somente tivesse se tornado possível após a superação princípios estreitos” (ROCHA, 2013, p. 11) da década de 70.

A explicação para a mudança de Machado, que até 1878 era um autor “esteticamente tradicional e moralmente conservador” (ROCHA, 2013, p. 11), baseia-se, então, em dois fatores. O primeiro é literário: a reunião de recursos de criação pré-românticos, dos clássicos da literatura – Shakespeare, Camões,

⁶ O escritor português chama-se José Maria Eça de Queirós (1845-1900). Estreou na **Gazeta de Portugal** (1866-67). Carlos Reis explica que “A dimensão de crítica social e de intervenção cívica emerge em Eça sobretudo quando das Conferências do Casino (1871) e da publicação d’*As Farpas* (1871-1872), estas de parceria com Ramalho; desenrola-se, assim, uma atividade orientada para a reforma de costumes, a exemplo do que fizera o Flaubert de *Madame Bovary* e sob a influência de Proudhon e de Taine.” Mas “É no estrangeiro, como cônsul em Newcastle e em Bristol, que Eça escreve **O Primo Basílio** (1878) e **O Crime do Padre Amaro**” Curiosamente, a vontade de moralização de Eça deu ensejo a um romance provocador, cuja forte crítica de Machado de Assis mostra o quanto o português atravessa, pela primeira vez em língua portuguesa, as fronteiras do “decoro literário”.

Cervantes etc – em ambas as fases de Machado, e, ao mesmo tempo, a utilização consciente de tais recursos, mesclados com recursos modernos, propiciando a poética da emulação. O que Machado põe em prática de modo sistemático com a publicação de **Brás Cubas**. O segundo fator, que se refere à rivalidade do brasileiro com o português, é extraliterário. Ele teria surgido com a insatisfação de Machado de Assis com o sucesso imediato dos romances de Eça, que havia publicado apenas dois romances anti-*status quo*, quando ele publicara quatro romances conforme o *ethos* oitocentista. Castro Rocha sustenta que a reunião de recursos esparsos, ensejando a poética da emulação, teria sido influenciada pela rivalidade de 1878. Se do ponto de vista literário não há dúvidas em relação à mudança porque a literatura de Machado fala por si só, delimitando assim o ano de 1880 como um *turning point* machadiano, por outro lado, poderiam ficar algumas em relação ao fato extraliterário; afinal, o brasileiro é reconhecido pela diplomacia (RIBAS, 2008). Contudo, parece que a prova dos nove está nas marcas deixada pelo forte ataque crítico de Machado a Eça, que o olhar do crítico não deixou escapar. Estamos pensando na ênfase acrescida por Castro Rocha a uma passagem, pertencente ao já citado “Eça de Queirós: **Primo Basílio**”, que parece ter passado despercebido até então:

Foi a estreia no romance, e tão ruidosa estreia, que a crítica e o público, de mãos dadas, **puseram desde logo o nome do autor na primeira galeria dos contemporâneos**. Estava obrigado a prosseguir na carreira encetada; digamos melhor, a *colher a palma do triunfo*. Que é, e completo é incontestável.

Mas esse triunfo **é somente devido ao trabalho real do autor?** (III, p. 903, citado em ROCHA, 2013, p. 93, ênfase no original).

A pergunta feita por Machado – **é somente devido ao trabalho real do autor?** – sugere que fatores extraliterários “**puseram desde logo o nome do autor na primeira galeria dos contemporâneos.**” (III, p. 903, gr. nosso). Cabe perguntar: que fatores seriam esses? As perguntas remetem às primeiras palavras críticas de Machado de Assis, que, em 1858, disse que “Era evidente que a influência poderosa de literatura portuguesa sobre a nossa, só poderia ser prejudicada e sacudida por uma revolução intelectual” (III, p. 785). Completando a pergunta feita ao público por Machado em 1878: “é somente devido ao trabalho real do autor” ou é devido à “influência poderosa de literatura portuguesa sobre a nossa”? E a ênfase dada por Castro Rocha põe em destaque uma ponta de ciúme do brasileiro, que, para o crítico, parece ter ficado ressentido com os leitores brasileiros de literatura que não

“puseram desde logo o [seu] nome (...) na primeira galeria dos contemporâneos.” Depois da crítica barthesiana ao império do autor, que explicaria a literatura com base na pessoa do autor, qualquer explicação extraliterária tende a ser recebida com cautela: teriam eles sido linguisticamente patrícios, e literariamente rivais? Do lado de cá do Atlântico, parece que sim.

Considerações finais

Duas são: a primeira, se a questão em torno da primogenitura da ideia de se considerar a obra de Machado de Assis em sua complexidade é questionável, não se pode dizer o mesmo da segunda. A leitura de Castro Rocha sugere uma resposta afirmativa à pergunta da última seção: as palmas do triunfo de Eça parecem ter incomodado o brasileiro, que chega a questionar a possível influência externa de Portugal como fator determinante do comportamento da recepção brasileira – “é **somente** devido ao trabalho real do autor? (III, p. 903). A argumentação de Castro Rocha é convincente: a rivalidade parece ter existido, pelo menos da parte do brasileiro. Se foi um dos fatores preponderantes da poética da emulação, não diríamos tanto. Afinal, se é verdade que Machado de Assis pode ser considerado um escritor “esteticamente tradicional e moralmente conservador” (ROCHA, 2013, p. 11) até **Memórias póstumas de Brás Cubas**, também é verdade que as críticas machadianas aos excessos do realismo queirosiano, especialmente no que se refere às páginas de sexo, parecem continuar valendo para o Machado-autor de **Brás Cubas** porque, no que se refere à ficcionalização do sexo, as páginas de sexo deste romance podem ser lidas como mais uma crítica, só que agora ficcional, às páginas de sexo do romance naturalista. Tal crítica, que parece reverberar ficcionalmente os textos críticos de Machado de Assis da década de 70, inclusive o já citado “**Primo Basílio**: Eça de Queirós”, encontra-se no capítulo LV de **Memórias póstumas de Brás Cubas**: “O velho diálogo de Adão e Eva” (I, p. 568). Por isso, a cautela em aceitar a hipótese acerca da rivalidade como fator catalisador da poética da emulação. Se é verdade que depois da crítica aos preceitos naturalistas de **O Primo Basílio** Machado de Assis escreveu **Brás Cubas**, não é menos verdade que a crítica às páginas de sexo parecem continuar valendo.

O sabor “amargo” do vinho e o tom “áspero” do defunto autor são geralmente associados à moral oitocentista, e não se afirma o contrário. Afirma-se

que, do ponto de vista estético, com as críticas machadianas em perspectiva, o mesmo “amargo” do vinho e o tom “áspero” do narrador também poderiam ser associados à estética oitocentista, cismada com as páginas naturalistas. Afinal, foram páginas e páginas de discussão teórica em torno da questão do Naturalismo, lembrando que Machado já tivera uma discussão semelhante em torno do Realismo. É claro que isso não nega que a poética da emulação pode ter sido influenciada pela aparente rivalidade. Apenas mostra que Machado pode ter mostrado ficcionalmente o que se cansara de discutir teoricamente. Não se almeja descobrir a intenção autoral, a hipótese cautelosa contra a hipótese assertiva do crítico, ambas baseadas nos textos críticos de Machado de Assis, parecem plausíveis. Vide os exemplos de 1870: “Notícia atual da literatura brasileira: Instinto de Nacionalidade”, de 1873, e “A nova geração”, de 1879. O trecho destacado, pertencente à “Notícia atual da literatura brasileira: Instinto de Nacionalidade” ilustra o ponto discutido:

Não há dúvida que uma literatura, sobretudo uma literatura nascente, deve principalmente alimentar-se dos assuntos que lhe oferece a sua região; mas não estabelecemos doutrinas tão absolutas que a empobrecam. O que se deve exigir do escritor antes de tudo, é um certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço (I, p. 804).

Quais “assuntos [poderiam ser mais] remotos no tempo e no espaço” do que “O velho diálogo de Adão e Eva” (I, p. 568)?

Então retornamos à crítica barthesiana. Contudo, um fato (aos moldes formalistas, visto como) extraliterário parece colocar água no moinho de Castro Rocha: é que após 1880, quando Machado publica **Memórias póstumas de Brás Cubas**, ele encerra a produção quase em série de romances, que não foram mais publicados de dois em dois anos: *Quincas Borba* data de 1891, **Dom Casmurro**, de 1899, *Esaú e Jacó*, de 1904, e **Memorial de Aires**, de 1908. O escritor operário, como Machado de Assis se autodeclara na citada advertência de **Ressurreição** (I, p. 114), parece ceder espaço ao artesão da ambiguidade derrisória.

Por isso, o livro de Castro Rocha é uma contribuição original aos estudos machadianos, sobretudo no que se refere à leitura atenta de diversos gêneros em que Machado escreveu. As questões levantadas, como tentamos mostrar, também vem à tona a partir de um retorno aos textos da fortuna crítica machadiana e dos textos machadianos. Em 1907, por ocasião da reedição de seus primeiros

romances, Machado de Assis disse algumas palavras que podem ser úteis para a discussão proposta aqui: “Se este autor não lhe daria agora a mesma feição [refere-se à **Helena**], é certo que lhe deu outrora, e, ao cabo, tudo pode servir a definir a mesma pessoa” (I, p. 1896).

Referências

ASSIS, M. de. **Obra completa: poesia, crônica, crítica, miscelânea e epistolário**. Vol. I, II e III. Rio de Janeiro: Editora Aguilar, 1962.

BARTHES, R. **O rumor da língua**. Trad. Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CALVINO, I. **Por que ler os clássicos**. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

CASTELLO, J. A. **Realidade e ilusão em Machado de Assis**. São Paulo: Companhia Editora Nacional. Editora da USP, 1969.

FOUCAULT, M. A prosa do mundo. In: _____. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins FONTES, 1981.p.33-60.

SANTIAGO, S. Retórica da Verossimilhança. In: _____. **Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SCHWARZ, R. A viravolta machadiana. **Novos Estudos CEBRAP** N.º 69, julho 2004, pp. 15-34.

REIS, C. Página Pessoal. Trajeto literário. In. ____ : Eça de Queirós: investigação, ensino e debate sobre temas queirosianos: <
<https://queirosiana.wordpress.com/trajeto-literario/>> Acessado em 13 de fev. de 15.

RIBAS, M. C. C. **Onze anos de correspondência: os machados de Assis**. Rio de Janeiro: 7Letras; Ed. PUC-Rio, 2008.

ROCHA, J. C. C. **Machado de Assis: por uma poética da emulação**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

Recebido em 19 de fevereiro de 2015
Aprovado em 02 de abril de 2015